

A caminho da periferia

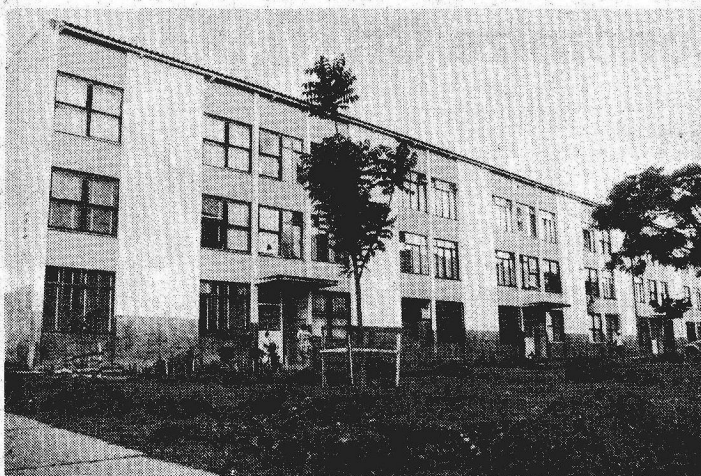
No Plano Piloto, nas quadras mais antigas de Brasília, nas 400, mora um grande número de famílias de baixa renda que estão a um passo de ser expulsas para a periferia. Vão engrossar a crescente proletarização da insegura classe média. Na 409 Sul concentra-se o maior contingente. No entanto, o comportamento dessa classe faz com que as pessoas, como no caso de uma reportagem, se sintam envergonhadas de falar de suas próprias vidas.

Por estar ainda numa situação, embora difícil, mais privilegiada com relação à periferia, em termos de serviços, localização, urbanização, etc., os moradores dessas quadras são arreados quando são colocados a par da proposta da reportagem. O sentimento arraigado de classe média, apesar de ameaçado, e o desejo de se manter as aparências (vizinhos), impedem a abordagem direta desse problema social.

Mesmo assim, vamos ver como vive uma família de baixa renda da 409 Sul, cujo endereço e os nomes de seus moradores serão omitidos por soltição da própria fonte.

Para ficar mais fácil, vamos dar nomes fictícios à família em questão. O chefe da família chama-se "seu João" e sua mulher "dona Penélope". Eles moram num apartamento alugado de dois quartos. Pagam, por mês 48 mil cruzeiros, fora o condomínio. O casal tem três filhos. João é auxiliar de portaria em um dos Ministérios da capital. Seu salário, é 65 mil cruzeiros "fora os bicos", conforme frisou.

O casal veio do Rio de Janeiro, do subúrbio carioca, em 1969, quando vendeu tudo o que tinha para tentar uma vida nova em Brasília. O apartamento em que moram hoje é bastante modesto. Em seus dois quartos se vêem poucas mobílias, apenas uma cama de casal, num



Apesar de tudo, eles ainda tentam resistir à expulsão

quarto, e beliches, armários no outro. Na sala, uma velha tv preto e branco, que nem marca tem mais. Num ponto estratégico da sala, um quadro de São Jorge, montado em seu cavalo branco espetando um dragão, iluminado por uma lâmpada vermelha.

COMIDA

Na pequena cozinha, onde panelas velhas e amassadas se amontoam, um pingüim de louça sobre a geladeira, impávido, observa a cena doméstica. Dona Penélope corre de um lado para outro. E hora do almoço. O cardápio é simples: arroz, feijão, abobrinha e chuchu refogado. Uma salada de tomate e cebola já está pronta em cima do mármore da pia. Dona Penélope conversa sobre problemas domésticos. O chuveiro elétrico há muito está quebrado e as crianças precisam tomar banho, e por isso uma panela grande de água ferve no fogão.

Quando a campainha do apartamento toca anunciando a chegada de seu João para o almoço, as crianças abandonam o desenho animado a que assistiam na tv e correm para abrir

a porta.

Seu João consegue economizar "uma boa grana" com a condução do Ministério, o que ao mesmo tempo lhe garante almoçar em casa e ver os filhos. Torcedor do Botafogo, ele ainda mantém alguns hábitos do seu tempo de Rio de Janeiro. "Guardei um pouco do dinheiro do 13º salário para fazer a fantasia da Escola", diz se referindo à Escola de Samba Unidos do Cruzeiro.

BICHO

Usando muita gíria, João não deixa de fazer a sua "fezinha" todos os dias no jogo do bicho, no ponto entre a 409/410 comercial. Ele é o típico carioca suburbano. Aos domingos, conforme contou, gosta de colocar a sua bermuda, camiseta e chinelos e diz que se tivesse carro ele o lavaria de baixo do bloco todos os fins de semana "pra esfriar a cabeça".

João diz que acompanha o que acontece por aí através dos noticiários da televisão e concorda que "a situação tá preta". Sobre quem ou em que partido votou nas últimas eleições, João se esquivava da pergunta.

Diante da insistência, se sai malandramente: "O voto é secreto, meu chapa".

Mas a vida não anda fácil para esse funcionário público. Os quase 50 mil cruzeiros que ele paga de aluguel, representam a metade do que ele ganha juntamente com os "bicos" que, aliás, não quis dizer quais são. A feira da casa é feita pelo próprio João. Segundo ele, são gastos por mês "uma média de 20 a 30 mil cruzeiros só com o ranço" e reclama ainda da falta de feiras livres em Brasília, ao exemplo do que ocorre no Rio de Janeiro. "Lá é só esperar a feira chegar ao fim que a gente consegue pechinchar nos preços, na hora da Xepa", lembra João.

Além dos gastos de luz e gás, em torno de 3 mil cruzeiros (a família nunca teve telefone), João tem às vezes que utilizar o dinheiro das despesas da casa, se surgir alguma doença na família ou qualquer gasto inesperado. "Um dia desses eu tive que gastar uma nota preta para comprar um par de óculos para o meu filho caçula. Foi a professora dele quem descobriu que ele precisava usar óculos", confessa.

PERIFERIA

Ao ser perguntado se a atual situação econômica (dele e do País) poderia "empurrá-lo" para a periferia, onde pelo menos os aluguéis são mais baratos, João parece que pensou nos seus 48 anos de idade "e muitas batalhas" e disse: "Não sei não. Mas acho que apesar de toda essa barra pesada que tá por aí, sempre se consegue dar um jeitinho. A gente aperta aqui, aperta ali, que acaba sempre dando um jeito de sair um "caldinho". Diminui o mé (bebida), a cumadre (esposa) dá um arrocho na cozinha e as crianças vão ter que se segurar por uns tempos. Se não dá? Bom, aí meu irmão, só Deus sabe".